Tensão hermenêutica: o discurso adventista de distanciamento do fundamentalismo e sua rejeição ao método histórico-crítico na prática exegética

Sandoval José dos Santos[1]

Resumo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) na atualidade tem um discurso de não alinhamento com o fundamentalismo; mas, por outro lado, ela rejeita o método histórico-crítico em todas as suas formas. Analisando documentos oficiais dessa instituição e lançando mão de revisão bibliográfica, esta Comunicação pretende compreender como é possível defender um estudo teológico científico, rejeitar o método histórico-crítico (MHC) praticado entre os eruditos acadêmicos, e ao mesmo tempo negar uma aproximação com o fundamentalismo. Pode-se concluir, com certo grau de ressalva, que o discurso adventista reflete uma tensão interna entre os dirigentes denominacionais e os teólogos eruditos.

Palavras-chave: Adventismo. Fundamentalismo. Método histórico-crítico.

Introdução

Por causa de seu caráter mais geral, adotamos a definição de fundamentalismo apresentada por Leonardo Boff na obra "Fundamentalismo", quevê nesse fenômeno uma forma de hermenêutica. Para ele, ofundamentalismo:

> Não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista (BOFF, 2002, p. 26).

O objetivo central desta investigação será a postura da Igreja Adventista do

[1] Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em História (2017) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Especialista em Teologia pela Universidade Gama Filho (2013), e graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada (2011). E-mail: sandovalsantos1844@gmail.com.

Sétimo Dia (IASD) diante da exegese crítica, materializada principalmente no documento que ela elaborou em 1986, o *Relatório da Comissão de Métodos de Estudos da Bíblia*. Oficialmente essa igreja parece ter uma boa relação com as ciências, mantendo várias universidades no mundo; e todos os seus quatro seminários teológicos no Brasil são reconhecidos pelo Ministério da Educação[2]. Em sua aproximação com a Bíblia, rejeita o método histórico-crítico (MHC), mesmo na sua forma modificada. Apesar de tudo isso, ela tem um discurso atual de não identificação com o fundamentalismo, tese defendida por seus adeptos tanto em periódicos confessionais como em seculares (MALHEIROS, 2016). Reflexões para entender este fenômeno levaram o autor deste trabalho a concluir, provisoriamente, queexiste uma tensão entre eruditos adventistas e administradores daigreja.

Além de ver o fundamentalismo como uma forma de interpretação, com manifestações de ataques e defesas, não se pode deixar de enxergá-lo como um acontecimento histórico, com data e lugar definidos. Para fins deste estudo, chamaremos de fundamentalismo histórico o movimento que teve início entre 1909-1915 com uns protestos de teólogos conservadores nos Estados Unidos da América em defesa de certas verdades bíblicas tidas como fundamentais e que estavam sendo atacadas por teólogos liberais que usavam o método histórico-crítico" (LIMA, 2009, p. 336).

1 Adventismo e fundamentalismo

Uma breve revisão na literatura adventista mostrará que esse grupo parece repudiar, atualmente, o fundamentalismo. No entanto, um aprofundamento dessaliteratura e da prática exegética mostrará que esse discurso tem um marco temporal, ou seja, ele começou a partir dos atentados às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001. O discurso atual vai na linha do pensamento do então diretor da Faculdade de Teologia do Unasp, Emilson dos Reis (REIS, 2013, p. 7): "O termo "fundamentalista" tem, hoje, uma conotação bastante negativa. Não nos consideramos nem somos fundamentalistas, mas cremos em toda a Bíblia

[2] Eis as instituições com seus seminários: UNASP (SP), FADBA (BA), FAAMA (PA) e IAP (PR).

Sagrada". Dois anos depois, o atual presidente da IASD na América do Sul mostrou também sua posição negativa sobre os fundamentalistas: "Podemos ver os fundamentalistas como pessoas fiéis às suas crenças, porém de forma egoísta, fanática e desequilibrada" (KOLLER, 2015, p. 5). No entanto, o discurso no passado e a prática exegética antiga e atual mostram algo diferente. Quando era o líder da IASD para a América do Sul, Reuben R. Figuhr (1946, p. 1) foi bem claro em 1946 sobre esse assunto: "Somos zelosos fundamentalistas, e defendemos a Bíblia como Palavra de Deus". Discurso semelhante foi feito oficialmente na década de 1970 por outro pastor: "Nós, adventistas, temos uma grande responsabilidade perante o mundo. Manter acesa a tocha da inerrância bíblica, do fundamentalismo e da integridade da Revelação de Deus" (CHRISTIANINI, 1970, p. 11). Esse mesmo autor contou nessa imprensa seu testemunho de como se tornou adventista, e recorda com alegria: "Voltei a ser fundamentalista e as Escrituras se tornaram um livro novo pra mim" (1954, p. 23).

Alguns adventistas tentam explicar o motivo da relação que alguns fazem entre adventismo e fundamentalismo. A explicação do pastor e jornalista da IASD, Michelson Borges, mostrou total desconhecimento dos discursos oficiais,e escreveu: "Atualmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é tida como a maior defensora do criacionismo bíblico. Por isso já foi até acusada de "fundamentalista" por revistas seculares" (BORGES, 2006, p. 22). Na disputa entre modernistas e os que defendiam orelatobíblico da criação na segunda fase do fundamentalismo, um pastor adventista afirmou em 1937: "Não existe ala Modernista nas fileiras dos adventistas do sétimo dia" (NICHOL, 1937, p. 4).

Outra crença essencial do fundamentalismo histórico, e que ganhou defesa muito antes do criacionismo, foi a doutrina da inerrância bíblica. Essa doutrina éuma clara reação ao método histórico-crítico usado pelos teólogos liberais. Alem de defender o fundamentalismo, o já citado teólogo adventista, Arnaldo B. Christianini (1970, p. 11), não deixou dúvidas sobre suas crenças em 1970: "Criação, Queda e Redenção. Chamam-se fundamentalistas os que sustentam esses três pilares da fé e mantêm a ortodoxia da inspiração e a inerrância das Escrituras". Ele ainda lembrou que a missão adventista era: "Manter acesa a tocha da inerrância bíblica". Como a IASD hoje evita ser identificada com o fundamentalismo, ela

também nega a doutrina da inerrância bíblica, também conhecida como inspiração verbal. Numa revista acadêmica e secular, o adventista Malheiros (2016, p. 230) afirmou, equivocadamente, que a IASD não é fundamentalista porque não crê na inspiração verbal[3]. Mas o próprio teólogo adventista Fernando Canale lembrou que no início "os adventistas usaram a inspiração verbal como um argumento apologético contra o deísmo" (CANALE, 2007, p. 55). Tentando ser moderado, mas não explícito, o discurso oficial da IASD em 2013 sobre a Bíblia foi: "Entendemos que ela deve ser considerada literal, a não ser que o texto estudado dê clara evidência de ser simbólico ou figurativo" (REIS, 2013, p. 7). Dito de outra forma: "quando a Bíblia trata de assunto de história ou ciência, ela é confiável", afirmou o Diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas da IASDAssociação Geral dos adventistas no início do século XXI, Angel M.Rodrigues (2007, p. 340).

2 Hermenêutica adventista e rejeição ao método histórico-crítico

Como se sabe, a inspiração verbal está no cerne do fundamentalismo histórico, visto aqui como uma reação aos resultados do método histórico-crítico (MHC). Segundo Almeida e Funari (2016, p. 51-52), o MHC "investiga o contexto histórico no qual um texto surgiu: quando foi escrito, se existe uma pré-história do texto e uma história redacional". É provável que esse método seja responsável por criar uma tensão hermenêutica na igreja Adventista. Isso é reconhecido pelo citado diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas da IASD em 2005: "Se a Bíblia é tratada e analisada como qualquer outro livro, devemos esperar tensão e conflito entrea igreja e a erudição bíblica moderna" (RODRIGUES, 2007, p. 339). Embora alguns defendam seu uso já na década de 1950, um dos historiadores da IASD, Alberto Timm, argumenta que foi a partir da década de 1970 que alguns eruditos adventistas começaram a expressar publicamente preferência pelo método histórico-crítico (TIMM, 2007, p. 9). Mas assim como os fundamentalistas históricos, a igreja adventista tem reagido a esse método. Na Conferência Bíblica de 1974, o principal assunto discutido foi a hermenêutica adventista, com clara exaltação do método

[3] Outra justificativa que o autor advogada para defender a IASD é dizer que esta igreja não crê no dispensacionalismo. De fato, a IASD nunca aceitou essa doutrina, mas é preciso lembrar de que essa doutrina foi acrescentada depois de 1925, quando o movimento Fundamentalismo estava ficando extremista.

histórico-gramatical, a hermenêutica oficial adventista (DEDEREN, 2011, p.). Foi dado aos mais de dois mil delegados presentes um volume contento 14 capítulos sobre hermenêutica adventista, intitulado *A Symposium a Biblical Hermeneutic*[4]. Mesmo surgindo posteriormente outras produções sobreo assunto, Alberto Timm considera esse material como "a mais influente exposição hermenêutica" da IASD até 2005. (TIMM, 2007, p. 10), quando apareceu outra obra, traduzida para o Brasil em 2007: *Compreendendo as Escrituras*. Esta última obra foi escrita por 18 acadêmicos, todos supervisionados pelo Instituto de Pesquisas Bíblicas.

A tensão entre teólogos e administradores não se deu apenas na Conferência de 1974. A IASD na atualidade vem tentando convencer seus teólogos de que o método histórico-crítico não é compatível com a Bíblia. No Concílio Anual que se deu no Rio de Janeiro em 1986, foi aprovado o Relatório da Comissão de Métodos de Estudos da Bíblia da Associação Geral da IASD, documento elaborado pelo Instituto de Pesquisas Bíblicas, que desencorajava o uso do MHC mesmo na sua forma modificada (apud REID, 2007, p. 329-30). As recomendações desse relatório são bem claras: "instamos com os estudiosos adventistas a evitarem o uso de pressuposições e deduções do método crítico-histórico". (p. 330).

Embora o tom do relatório seja um pouco moderado, outros discursos contra o MHC têm sido mais agressivos, revelando ainda mais tensão causada por essa exegese. Um teólogo adventista aposentado, que durante mais de duas décadas foi editor da Adventist Review, Johnsson (2017, p. 12), disse o seguinte em 2017 para uma revista direcionada a pastores e lideres: "Não tenho dúvida de que ométodo crítico-histórico" se tornou um terror entre nós, uma expressão que aumenta as dificuldades e gera tensão em vez de luz". Ele sugeriu que a melhor decisão que "nossos eruditos e teólogos poderiam tomar seria apagar o termo „método crítico-histórico" do seu vocabulário." Seu pensamento é que essa abordagem precisa ser abandonada para que possamos permanecer "unidos". O comentário do editor-geral do Seventh-day Adventist International Bible Commentary (SDAIBC), Jacques Benjamin Doukhan, é muito revelador sobre as produções teológicas oficiais.Falando desse comentário bíblico surgido no começo do nosso século,

[4] Elaborado pela General Conference of Seventh-day Adventists, o documento foi editado por Gordon Hyde no mesmo ano, 1974, e pode ser consultado eltronicamente pelo Adventist Archives. Disponível em: https://documents.adventistarchives.org/Books/SBH1974.pdf. Acesso em: 06 out. 2020.

Doukhan informou que nessa coleção foram evitadas as pressuposições filosóficas do método "crítico-histórico" (DOUKHAN, 2017, p. 9).

O documento oficial de desestímulo ao uso do MHC repercutiu negativamente para alguns adventistas desde o início, aumentando ainda mais a tensão hermenêutica entre teólogos e pastores. Escrevendo em 1988, Jerry Gladson critica a decisão de 1986, e revela que a exegese dos autores dos comentários bíblicos da década de 1950 fez uso do método em questão, e o uso desse método vem sendo praticado pelos eruditos adventistas há mais de 40 anos (apud TORRES, 2008, p. 70). Percebe-se que esse debate gira em torno da questão clássica entre fé e razão. Por causa de suas crenças fundamentais e de sua exegese, a igreja Adventista se coloca ao lado dos fundamentalistas e contra o avanço da ciência. Um dos principais teólogos da IASD, Richard Davidson, admite que o pensamento adventista está "em contraste com a erudição crítica maisatualizada" (DAVIDSON, 2011, p. 81).

Considerações finais

Essa tensão entre a exegese adventista e a erudição crítica não tem a ver com metodologia científica, e sim com preocupações pastorais. A IASD reconhece a rigidez do MHC, como esclarece o próprio documento de 1986 que o rejeita: é "impossível para aqueles que vêem a Bíblia meramente como um livro humano compreender sua mensagem, apesar de seus métodos cuidadosos e rigorosos (apud, REID, 2007, p. 337). Rodriguez (2007, p. 339) afirmou que essa rejeição é determinada por sua compreensão da natureza e autoridade das escrituras. O citado documento de 1986 também esclarece outros pontos: "O método crítico-histórico minimiza a necessidade de fé em Deus e a obediência aos seus Mandamentos". (p. 330). Elias Brasil, antes de ser Diretor do Instituto de Pesquisas Bíblicas, já mostrava requisitos para esse cargo, quando escreveu em 1997: as "conseqüências de tal abordagem das escrituras se refletem na esfera doutrinária, ética e missiológica" (SOUZA, 1997, p. 41). Como se percebe, o problema parece não está no método, e sim nos resultados dele, vistos como prejudiciais para a doutrina e por essa razão é entendido como algo que precisa sercombatido.

Referências

ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade; FUNARI, Pedro Paulo A. Exegese bíblica: vantagens, desvantagens limites e contribuições na interpretação moderna da bíblia. **Caminhos**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 45-57, jan./jun. 2016. Disponível em: http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/245 . Acesso em: 10 set. 2020. B

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo**: a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BORGES, Michelson. O povo do sábado. **Revista Adventista**, Tatuí-SP, ano 101, n. 2, p. 22-23, fev. 2006. Acervo Revista Adentista. Disponível em: https://acervo.cpb.com.br/ra. Acesso em: 14 set. 2020.

CANALE, Fernando L. Revelação e inspiração. *In:* REID, George W. (Editor). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Trad. Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007, p. 47-74.

CHRISTIANINI, Arnaldo B. Minha conversão à mensagem do advento. **Revista Adventista**, Santo André, ano 49, p. 23-24, abr. 1954. Acervo Revista Adentista. Disponível em: https://acervo.cpb.com.br/ra. Acesso em: 14 set. 2020

CHRISTIANINI, Arnaldo B. Os ataques da incredulidade. **Revista Adventista**, Santo André-SP, ano 65, n. 3, p. 11, mar. 1970. Acervo Revista Adentista. Disponível em: https://acervo.cpb.com.br/ra. Acesso em: 23 set. 2020.

General Conference of Seventh-day Adventists. HYDE, Gordon M. (Editor). **A symposium on biblical hermeneutics**. Washington, D. C.: The Review and Herald Publishing Association, 1974. Adventist Archives. Disponível em: https://documents.adventistarchives.org/Books/SBH1974.pdf. Acesso em: 06 out. 2020.

DAVIDSON, Richard M.. *In:* DEDEREN, Raoul (Editor). **Tratado de Teologia Adventista**. Trad. José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 67-119.

DEDEREN, Raoul (Editor). **Tratado de Teologia Adventista**. Trad. José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DOUKHAN, Jacques Benjamim. A primazia da Palavra (Entrevista). **Ministério**, Tatuí-SP, ano 89, n. 530, p. 7-9, mar./abr. 2017.

FIGUHR, Reuben R. Nossas instituições de ensino. **Revista Adventista**, Santo André-SP, Casa Publicadora Brasileira, ano 41, p. 1-2, mar. 1946. Acervo Revista Adentista. Disponível em: https://acervo.cpb.com.br/ra. Acesso em: 14 set. 2020.

JOHNSSON, William. Bases sólidas: nove fundamentos para uma hermenêutica adventista. **Ministério**, Tatuí-SP, ano 89, n. 530, p. 10-12, mar./abr. 2017.

KOLLER, Erton. Radical X fiel. **Revista Adventista**, Tatuí-SP, ano 110, n. 1295, p. 5, mar. 2015. Acervo Revista Adentista. Disponível em: https://acervo.cpb.com.br/ra. Acesso em: 23 set. 2020.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Atualidade Teológica**, Ano XIII n. 33, set./ dez. 2009. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18282/18282.PDFXXvmi=. Acesso em 11 set. 2020.

MALHEIROS, ISSAC. Os Adventistas do Sétimo Dia e o fundamentalismo cristão: Uma avaliação histórica e teológica. In **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol. 7, n. 2, p. 223-247, jul./dez. 2016. Disponível em: https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/issue/view/19. Acesso em: 21 jul. 2020.

NICHOL, Francisco D. Nossa Mensagem. **Revista Adventista**, Santo André-SP, Santo André-SP, v. 32, n. 7, p. 4-5, jul. 1937. Acervo Revista Adentista. Disponível em: https://acervo.cpb.com.br/ra. Acesso em: 23 set. 2020.

REID, George W. (Editor). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Trad. Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007.

REIS, Emilson dos. A Revelação de Deus. **Revista Adventista**, Tatuí-SP, ano 108, n. 1267, p. 6-7, dez. 2013. Acervo Revista Adentista. Disponível em: https://acervo.cpb.com.br/ra. Acesso em: 16 set. 2020.

RODRIGUES, Angel M. O uso da versão modificada da abordagem crítico-histórica por eruditos adventista. *In:* REID, George W. (Editor). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Trad. Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007, p. 339-351.

SOUZA, Elias Brasil. Métodos contemporâneos de interpretação bíblica. **Hermenêutica**, Revista Teológica do SALT-IAENE, v. 1 n. 1, jan./jul. 1997.

TIMM, Alberto. Antecedentes históricos da interpretação bíblica adventista. *In:* REID, George W. (Editor). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Trad. Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007, p. 1-14.

TORRES, Milton Luiz. **Heterodoxia**: as 28 crenças (e descrenças) proibidas. Artur Nogueira, SP: Editora Paradigma, 2008.